Dia 19 — São Luís, Bispo e Confessor

São Luís, mais célebre por sua santidade e por seus milagres do que por seu alto nascimento, foi por seu pai sobrinho segundo de São Luís, rei da França, e por sua mãe sobrinho de Santa Isabel, rainha da Hungria. Nasceu em Brignoles, na Provença, no ano de 1274, sendo o segundo filho de Carlos II, chamado o Coxo, rei de Nápoles e da Sicília, e de Maria, filha de Estêvão V, rei da Hungria. Na infância de Luís nada se notou que cheirasse a meninice; tudo parecia superior à sua idade; tudo era nele madureza de juízo, tanto sua circunspecção como a gravidade de seus costumes. Nunca tiveram seus aios necessidade de fazer-lhe a menor advertência quanto ao cumprimento de suas pequenas obrigações; antecipava-se a suas instruções por aquela natural inclinação à piedade com que parecia ter nascido; e prevenia suas lições pelo amor que professava ao retiro e ao estudo. Os jogos, as diversões, os passatempos e os demais exercícios em que ordinariamente costumam entreter-se outros príncipes daquela idade nunca foram de seu gosto. Sua inclinação era ler livros espirituais, e muito mais a oração. Na corte não só se olhava com admiração, mas chegava-se a respeitar sua modéstia. Aquela delicadeza, aquele regalo e aquele amor aos prazeres que nascem com os grandes, que crescem com a idade e que se fomentam nas cortes, onde tudo conspira para lisonjear os sentidos e o amor-próprio, mal foram conhecidos de nosso jovem príncipe. Quando os meninos que se criavam com ele iam brincar, Luís de ordinário se escondia deles, para passar aquele tempo em seu oratório. O mais admirável era que, em meio às delícias em que se criam os príncipes de sua elevação, Luís se aplicava a mortificar seus sentidos e a macerar seu inocente corpo desde aquela tenra idade.

Tinha somente sete anos quando, não obstante o regalo com que se procurava criá-lo, o encontravam muitas vezes fora da cama e deitado na alfombra que estava a seus pés, movido de um espírito de penitência. Assim o testemunhou a rainha sua mãe, de cuja boca ouviu esta particularidade o autor que escreveu sua vida. Seus passeios terminavam sempre em alguma igreja ou em algum convento de religiosos, sendo todo o seu gosto informar-se minuciosamente dos exercícios de mortificação e de virtude que constituíam o principal fundo da vida regular. Nunca consentia que lhe pusessem nas igrejas aqueles sinais de distinção e de respeito que correspondiam a seu real nascimento; porque nem sua fé nem sua veneração aos altares se acomodavam com semelhantes distintivos; e assim, embora lhe preparassem genuflexório, alfombras e almofadas, jamais usava deles e ajoelhava-se sempre na nua terra. Sua compostura e sua modéstia inspiravam modéstia e compostura a todos os cortesãos; e costumavam dizer que, para ter devoção, não era necessário mais que ver o príncipe ouvir missa.

Ganhava os corações de todos com seu ar, com sua afabilidade e com seus compostíssimos modos. Os criados que compunham sua casa o chamavam o Anjo da corte; e com efeito o era por sua rara pureza e por sua inocência. Possuía esta pureza em tão alto grau de perfeição que, ainda

sendo menino, não permitia que mulher alguma entrasse em seu quarto. À imitação de Jó, fez pacto com seus olhos de não olhar nenhuma no rosto; e esta delicada virtude, que toda a vida foi a virtude de seu carinho, deveu-a, por singular dom, à Rainha das Virgens, a quem professou desde o berço uma tão terna e acesa devoção que já desde então se dizia que Luís era o servo querido e o filho muito amado da Mãe de Deus. Todos os dias rezava muitas orações em honra da soberana Rainha, e era sem limites a confiança que tinha nesta Mãe de misericórdia.

Estava dotado nosso santo de um excelente engenho; e assim fez maravilhosos progressos nas letras, ainda numa idade em que outros meninos mal começam a estudar.

Assim brilhava Luís na corte, tanto por seus raros talentos como principalmente por sua extraordinária santidade, que tinha tão poucos exemplares, quando a divina Providência quis exercitá-lo em dolorosas provas, todas muito oportunas para purificar e aperfeiçoar sua virtude. No ano de 1284, dois anos depois da revolução geral da Sicília, fez-se à vela o rei de Aragão para pôr sítio a Messina, e no caminho se deu um combate naval em que Carlos II, então príncipe de Salerno e pai de nosso santo, foi feito prisioneiro pelos aragoneses, três dias antes que chegasse o rei Carlos, seu pai, que vinha em seu socorro com grande número de navios. Morreu este poucos meses depois; e o rei Carlos II esteve quatro anos em prisão, da qual saiu por instâncias e pela negociação do papa Nicolau IV e de Filipe, o Belo, rei da França, os quais se obrigaram a fazer que Carlos, conde de Valois, renunciasse a seus direitos à coroa de Aragão e consentisse em que o Papa desse a Jaime de Aragão a investidura da Sicília, entregando em reféns, para segurança do tratado, seus três filhos, um dos quais era nosso santo, com cinquenta gentis-homens. Contava Luís somente catorze anos quando foi enviado à Catalunha para que se pusesse em liberdade seu pai. Esta desgraça só serviu para acrescentar novo lustre a sua virtude. Sete anos passou Luís naquela prisão, em que a dureza do rei dom Afonso III deu não pouco exercício a sua paciência. Nem sempre foi tratado como filho de rei. Mas, apesar disso, a alegria de seu semblante mostrava bem o espírito com que recebia aqueles maus-tratos. Seu exemplo continha e animava seus dois irmãos e os outros que estavam em reféns, que não eram tratados mais benignamente. «Crede-me (dizia-lhes), a adversidade é mais proveitosa que a prosperidade para os que fazem profissão de servir a Deus. Nunca lhe somos mais obedientes do que quando estamos mais abatidos. A prosperidade embriaga, nos cega e nos desencaminha; dá vigor a todas as paixões e, lisonjeando nosso amor-próprio, nos faz perder o santo temor de Deus.»

Não satisfeito com as amarguras de seu estado, acrescentava aos trabalhos de seu cativeiro muitas penitências voluntárias. Jejuava muitos dias da semana com assombroso rigor; castigava frequentemente seu corpo com disciplinas de arame e, de ordinário, até derramar sangue, velando continuamente na conservação de sua castidade, em cujo ponto sua delicadeza era extremada. Jamais consentiu que mulher alguma lhe falasse sem testemunhas, para prevenir os laços que lhe poderiam armar. Durante a dilatada estada que fez na Catalunha contraiu um amor tão particular aos religiosos de São Francisco que não se podia separar deles; e conseguiu enfim dos superiores que sempre dormissem dois em seu quarto. Passava com eles em diferentes orações a maior parte do dia e da noite. Rezava todos os dias o ofício divino e o ofício parvo, ao qual acrescentava o da paixão e muitas outras devoções. Confessava-se cada dia antes de ouvir missa, para assistir com maior pureza e devoção ao santo sacrifício; e, como tinham por cárcere a cidade de Barcelona, nunca saía de casa senão para ir à igreja ou aos hospitais, onde passava horas inteiras servindo os

enfermos nos ofícios mais repugnantes e mais humildes. Mas todos estes exercícios de devoção e de caridade não lhe impediam a mais séria aplicação ao estudo. Teve também por mestres seus nas ciências os religiosos de São Francisco, em cuja escola adiantou muito na filosofia e na teologia, cultivando aqueles hábeis mestres a agilidade de seu engenho, de maneira que se achou capaz de defender e disputar sobre os pontos mais sutis da teologia escolástica.

Tendo caído gravemente doente no castelo de Sura, fez voto de abraçar a regra de São Francisco se Deus lhe restituísse a saúde, intento já muito antigo em nosso Luís, mas que tinha reservado dentro de seu coração para não irritar o Rei seu pai. Ajustado, enfim, o tratado de paz entre seu pai, o rei de Nápoles, e Jaime II, rei de Aragão, foi posto em liberdade com seus dois irmãos e os demais que estavam em reféns, no ano de 1294. Era um dos artigos do tratado o casamento de sua irmã, a princesa dona Branca, com o rei de Aragão; e, para afiançar mais o enlace, resolveram as duas cortes fazer um duplo matrimônio, casando Luís com a princesa de Maiorca, irmã do Rei. Era muito poderosa a tentação. O Rei seu pai lhe prometia deixá-lo por herdeiro do reino de Nápoles, visto que seu irmão mais velho, Carlos Martel, príncipe de Salerno, estava já coroado rei da Hungria, como herdeiro de sua mãe, Maria, irmã do falecido rei Ladislau. Mas nada disto foi bastante para fazê-lo titubear na resolução que havia tomado de deixar o mundo; de sorte que, ao voltar de Barcelona e achando-se em Montpellier, instou muito com o provincial dos franciscanos para que o recebesse na Religião seráfica. Não se atreveu o provincial a condescender com seus desejos para não desgostar seu pai, o rei de Nápoles. Viu-se obrigado Luís a passar à Itália; e, estando em Roma, resolveu não dar mais ouvidos às vozes da carne e do sangue. Renunciou absolutamente a seus direitos à coroa de Nápoles e a todos os demais Estados que lhe podiam pertencer e consagrou-se inteiramente ao serviço de Deus, recebendo a tonsura clerical. Por esta renúncia ficou o príncipe Roberto, seu irmão menor, herdeiro presuntivo da coroa; e nosso santo, obtido enfim o consentimento do Rei, quis ligar-se mais estreitamente ao serviço de Deus e recebeu as ordens sagradas em Nápoles, firme sempre no intento de cumprir o voto que havia feito.

O papa Bonifácio VIII havia visto Luís ao voltar da Catalunha e formou tão superior conceito de sua eminente virtude que desde então fez ânimo de elevá-lo às primeiras dignidades da Igreja. Vagou o bispado de Toulouse na corte de Roma, por morte de seu bispo Hugo Mascaron, e o Papa o proveu em nosso santo, embora então só tivesse vinte e dois anos, dizendo: «Que a virtude e o mérito pessoal supriam vantajosamente a idade.» Foi grande sua repugnância em aceitá-lo, pelo desejo que tinha de viver em Religião e em obscuridade; mas viu-se obrigado a obedecer ao Papa e ao Rei. Obrigado, enfim, a admiti-lo, conseguiu que ao menos o deixassem cumprir antes o voto que tinha feito de entrar na Religião de São Francisco, como o executou em Roma com beneplácito de Sua Santidade. Fez sua solene profissão no convento de Aracoeli, nas mãos do padre frei João de Murro, décimo quarto geral da Ordem seráfica, na véspera de Natal do ano de 1296; e no mesmo dia em que fez a profissão foi preconizado bispo. Para contemporizar em algo com o Rei seu pai, que não podia sofrer que se vestisse o sai de São Francisco, contentou-se a princípio, por conselho do Papa, com levar o santo hábito debaixo da batina clerical; mas durou pouco esta condescendência. Ele mesmo a condenou, parecendo-lhe que estava obrigado a não se envergonhar da pobreza de Jesus Cristo; e, pondo de lado a batina exterior, no dia de Santa Águeda, 8 de fevereiro do ano 1297, atravessou as ruas públicas de Roma, os pés descalços, com um pobre hábito de religioso, cingido com uma grosseira corda. O próprio Papa quis consagrá-lo,

dispensando-o na idade para o episcopado, como o havia feito na correspondente para o sacerdócio.

A nova dignidade só serviu para tornar mais visíveis sua humildade e sua mortificação. Nunca deixou depois o hábito da Ordem; sua cama, seus móveis, seu trem, tudo cheirava a pobre religioso; e aquela exemplar pobreza num príncipe tão grande acrescentou muito esplendor à dignidade episcopal. Partiu de Roma para seu bispado sem dispensar-se na viagem de suas costumadas mortificações. Hospedou-se em Siena no convento de São Francisco, onde quis ser tratado como qualquer outro frade, sem admitir a mais mínima distinção, indo depois de comer com todos os demais lavar os pratos na cozinha e não querendo comer outro pão senão o que se havia recolhido de esmola. Em Florença não admitiu uma magnífica cela que lhe tinham preparada e ricamente alfaiada, deitando-se numa cama ordinária e comum.

Receberam-no em Toulouse com toda a magnificência que merecia um príncipe, um bispo e um santo, ganhando desde logo a veneração e os corações do clero, da nobreza e do povo. Seu ar, sua modéstia e sua doçura, tudo respirava amor à virtude, e bastou só sua presença para que todo o bispado mudasse de semblante. Suas primeiras visitas foram aos pobres nos hospitais, e suas primeiras atenções dedicou-as a socorrer as famílias envergonhadas e necessitadas. Mandou dar-se conta exata de todas as suas rendas; e, separando delas o que era absolutamente necessário para sua manutenção, mais como pobre religioso que como bispo, mandou que todo o mais se distribuísse entre os pobres. Todos os dias comiam à sua mesa vinte e cinco, servindo-os ele mesmo de joelhos, à imitação de seu tio São Luís, como se servisse a Jesus Cristo. Estendia-se sua caridade aos pobres encarcerados igualmente que aos enfermos, visitando uns e outros com frequência, confessando-os e consolando-os com suas palavras e depois socorrendo-os com suas esmolas. Nem estas se limitavam precisamente a seu bispado e aos termos do Languedoc; dilatavam-se também à Provença e aos outros Estados do Rei seu pai, de quem numa só vez obteve a vida de cento e cinquenta prisioneiros de guerra, condenados a perdê-la. Sua solicitude pastoral prevenia todas as necessidades. Visitou logo todo o seu bispado e em toda parte deixou provas e monumentos de seu zelo e de sua santidade.

Em meio a seus apostólicos trabalhos, nada afrouxou na exatidão de sua observância nem no rigor de suas penitências; antes acrescentou outras novas às antigas. Todos os dias celebrava o santo sacrifício da missa, e cada dia com maior fervor, que se manifestava na abundância de suas lágrimas. Era tão poderoso em obras como em palavras. Nunca subia ao púlpito sem que em resultado se visse alguma insigne conversão e sem mover todo o seu auditório a uma fervorosa devoção à Santíssima Virgem. O Papa desmembrou da diocese de Toulouse a cidade e o território de Pamiers, erigindo-a em outro distinto bispado, e converteu o convento e a igreja dos cônegos regulares de Santo Agostinho em cabido e em catedral; mas nomeou também por bispo nosso santo, encarregando-lhe o governo de dois bispados com dois títulos diferentes.

O ardor e o afinco com que empreendeu a conversão dos judeus e dos hereges, que infeccionavam toda a província, produziu admiráveis efeitos. Converteu a muitos com seus sermões e com seus exemplos.

Mas não podia permanecer muito na terra um fruto que estava tão maduro para o céu. Vendo-se obrigado a fazer uma viagem à Provença por negócios de pura caridade, adoeceu no castelo de Brignoles. Tinha determinado passar a Roma para renunciar a todas as suas dignidades, com resolução de viver o resto de seus dias no retiro de uma cela, quando o Senhor lhe deu a entender que queria premiar-lhe os méritos e fadigas. Dispôs-se a morrer, redobrando seu fervor. No dia da Assunção fez que lhe administrassem o santo Viático, que recebeu de joelhos e desfazendo-se em doces lágrimas. O restante de sua enfermidade foi uma contínua oração. Rezava incessantemente a Saudação angélica; e, perguntando-lhe um por que repetia tantas vezes a Ave-Maria, respondeu que naquele transe, depois de Jesus Cristo, punha toda a sua confiança na Santíssima Virgem. Ao acabar de pronunciar estas palavras, entregou tranquilamente seu espírito nas mãos de seu Criador no dia 19 de agosto de 1297, no segundo ano de bispo e aos vinte e três de sua idade. No mesmo ponto certo santo religioso viu que sua bem-aventurada alma subia ao céu, acompanhada de muitos santos bispos, que iam dizendo: «Assim serão tratados todos os que servirem a Deus com inocência e com pureza.» Seu corpo foi levado com grande solenidade ao convento de São Francisco de Marselha, onde o próprio santo havia mandado enterrar-se, e por isso lhe chamaram muitos «São Luís de Marselha». A multidão e a fama dos milagres com que quis Deus honrar sua sepultura e manifestar a glória de seu servo moveram o papa João XXII, sucessor de Bonifácio VIII, a canonizá-lo, precedendo as informações costumadas. Publicou a bula no dia 7 de abril do ano 1317 na cidade de Avinhão, e dois dias depois dirigiu um breve à rainha da Sicília, sua mãe, que ainda vivia. No dia 11 de novembro do mesmo ano o santo corpo foi levantado do coro dos religiosos franciscanos de Marselha e exposto à pública veneração no altar-mor, colocado numa urna de prata; e acharam-se presentes a esta cerimônia muitos cardeais e prelados; Roberto, rei da Sicília, irmão de São Luís; a rainha da Sicília, sua mãe; a rainha da França e toda a grandeza de ambas as cortes. No ano de 1423, Afonso, chamado o Magnânimo, rei de Aragão e de Nápoles, apoderou-se da cidade de Marselha, saqueou-a e, embarcando este sagrado tesouro em sua própria galera, levou-o à cidade de Valência, na Espanha, onde se conserva com o maior cuidado e é honrado pelos povos com suma veneração.

Martirológio Romano

São Júlio, senador e mártir, em Roma; o qual, entregue ao juiz Vitélio, foi por ele encarcerado e logo, por ordem do imperador Cômodo, foi espancado até que entregou o espírito ao Senhor. Seu corpo foi sepultado no cemitério de Calepódio, na via Aurélia.

O martírio de Santo André, tribuno, e seus companheiros soldados, na Cilícia; os quais, tendo alcançado uma milagrosa vitória sobre os persas, se converteram à fé de Cristo e, sendo acusados por esta causa, imperando Maximiano, foram feitos em pedaços nas gargantas do monte Tauro pelo exército do presidente Seleuco.

São Timóteo, mártir, na Palestina; o qual, na perseguição de Diocleciano, por decreto do presidente Urbano, depois de ter sofrido muitos tormentos, foi queimado a fogo lento.

Os santos Tecla e Agapio padeceram no mesmo país: Tecla foi exposta às feras e, despedaçada a coices, voou a seu Esposo; Agapio, depois de ter sofrido muitos tormentos, foi reservado para maiores combates.

São Magno, bispo e mártir, em Anagni, martirizado durante a perseguição de Décio.

São Luís, bispo de Toulouse, da Ordem dos Menores, esclarecido pela santidade de sua vida e por seus milagres, em Brignoles, na Provença. Seu corpo foi trasladado para Marselha e sepultado honrosamente na igreja dos religiosos Menores.

São Donato, presbítero e confessor, na França, numa aldeia de Cisteron; o qual desde sua tenra infância, dotado de maravilhosa graça de Deus, fez por muitos anos vida de anacoreta e, esclarecido por seus milagres, morreu no Senhor.

São Mariano, confessor, nos arredores de Bourges.

São Rufino, confessor, em Mântua.

Epístola

Eclesiástico 24,14-16

> **Latim:** 14 Ab initio et ante sæcula creata sum, et usque ad futurum sæculum non desinam : et in habitatione sancta coram ipso ministravi. 15 Et sic in Sion firmata sum, et in civitate sanctificata similiter requievi, et in Jerusalem potestas mea. 16 Et radicavi in populo honorificato, et in parte Dei mei hæreditas illius, et in plenitudine sanctorum detentio mea.

Português: 14 Eu fui criada desde o princípio, e antes dos séculos, e não deixarei de ser em toda a sucessão das idades, e exercitei diante dêle o meu ministério na morada santa. 15 E fui assim firmada em Sião, e repousei igualmente na cidade santificada, e em Jerusalém está o meu poder. 16 E me vim a arraigar num povo honrado, e nesta porção do meu Deus que é a sua herança, e na plenitude dos santos, onde se acha a minha assistência.

Nota

[…] a Jerusalém celestial, mas também todos os fiéis, e em particular os escolhidos de Deus: *Gens sancta, populus acquisitionis.*»

Reflexões

Meu poder está estabelecido em Jerusalém. Há ou pode haver pura criatura que possa, nem sequer tanto junto a Deus, como a Santíssima Virgem? Diz a Escritura que Salomão se levantou de seu trono para sair ao encontro de sua mãe e mandou que lhe preparassem outro trono junto ao seu, para fazê-la sentar à sua mão direita: *Surrexit Rex in occursum ejus, adoravitque eam, et sedit super thronum suum, positusque est thronus matris ejus, quæ sedit ad dexteram ejus.* Se Salomão rendeu estas honras a sua mãe, terá o Salvador menos amor à sua? «Todos os dias de tua vida (dizia o santo Tobias a seu filho) professarás a tua mãe o mais profundo respeito»: *Honorem habebis matri tuæ.* Tendo inspirado o Filho de Deus esta obrigação ao santo patriarca, podia ele mesmo faltar a ela? «Como posso negar coisa alguma que me peças?», dizia a sua mãe o rei Salomão. *Pete, mater mea, neque enim fas est ut avertam faciem tuam.* Não pode ter o Salvador outra linguagem com a Santíssima Virgem. Quem ignora que a rogos seus fez o primeiro milagre e que até antecipou o tempo destinado para fazê-los em público só por condescender com os desejos da Virgem? Pois que não devemos esperar de sua intercessão todo-poderosa? «Ó bem-aventurada Virgem Maria (exclama Santo Agostinho), dignai-vos receber nossas humildíssimas graças, ainda que débeis, ainda que curtíssimas, ainda que muito pouco proporcionadas ao que vós mereceis! Ouvi nossas orações e reconciliai-nos com Deus. Alcançai-nos o perdão de nossos pecados, que pedimos por vossa intercessão. Alcançai-nos os auxílios de que necessitamos para salvar-nos. Recebei o que vos oferecemos; concedei-nos o que vos pedimos; porque vós sois a única esperança dos pecadores»: *Quia tu es spes unica peccatorum*; «por vós esperamos o perdão de nossos pecados»: *Per te speramus veniam delictorum*; «em vossa intercessão afiançamos o prêmio de nossas boas obras»: *Et in te, beatissima, nostrorum est exspectatio præmiorum.* «Convenho desde logo (diz São Bernardo) em que não se fale mais de vossa misericórdia, se se achar alguém que vos tenha invocado, como deve, em suas tribulações, e vós lhe tenhais faltado.» Quem poderá desesperar da misericórdia de Deus, tendo a misericórdia de Maria? Quem poderá duvidar de sua eterna salvação, uma vez que a ponha dignamente nas mãos da Mãe de Deus? Se nesse caso ela não a solicitasse, ou seria por falta de poder junto a seu Filho, ou por falta de vontade para com os que a invocam. Quem pode duvidar de uma ou de outra coisa sem agravar o Filho e a Mãe? Como não há de ter poder junto a seu Filho aquela a quem o Filho, de certa maneira, comunicou todo o seu poder, como diz São Boaventura? Tudo pode por seu Filho; tudo pode com ele, e tudo pode depois dele. Violaria o preceito de honrar pai e mãe aquele mesmo que o impôs aos demais? E o observaria se fizesse pouco apreço da intercessão de sua Mãe? O poder de Maria se deve medir pela dignidade de Mãe de Deus que possui; pela ternura com que o Filho a ama; pelo muito que lhe deve enquanto homem; pela qualidade de medianeira dos homens. Sendo isto assim, aonde não alcança o poder da Mãe de Deus? E aonde não deve chegar nossa confiança?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Lucas, e o mesmo do dia XV, pág. 328.

Lucas 10,38-42

> **Latim:** 38 Factum est autem, dum irent, et ipse intravit in quoddam castellum : et mulier quædam, Martha nomine, excepit illum in domum suam, 39 et huic erat soror nomine Maria, quæ etiam sedens secus pedes Domini, audiebat verbum illius. 40 Martha autem satagebat circa frequens ministerium : quæ stetit, et ait : Domine, non est tibi curæ quod soror mea reliquit me solam ministrare ? dic ergo illi ut me adjuvet. 41 Et respondens dixit illi Dominus : Martha, Martha, sollicita es, et turbaris erga plurima, 42 porro unum est necessarium. Maria optimam partem elegit, quæ non auferetur ab ea.

Português: 38 E aconteceu, que como fossem de caminho, entrou depois Jesus em huma aldeia: e huma mulher por nome Martha, o hospedou em sua casa: 39 e esta tinha huma irmãa chamada Maria, a qual até sentada aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra. 40 Martha porém andava toda affadigada na contínua lida da casa: a qual se apresentou diante de Jesus, e disse: Senhor, a ti não se te dá que minha irmãa me deixasse andar servindo só? dize-lhe pois que me ajuda. 41 E respondendo o Senhor lhe disse: Martha, Martha, tu andas muito inquieta, e te embaraças com o cuidar em muitas cousas. 42 Entretanto só huma cousa he necessaria. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada.

Meditação

Da confiança que devemos ter na Santíssima Virgem

Primeiro ponto

Considera que a confiança é certa opinião, ou certa segurança, que se tem na boa vontade de uma pessoa que nos favorece e no poder que a acompanha para tornar efetiva esta boa vontade. Não basta querer fazer o bem; é preciso poder fazê-lo: o poder sem a vontade não funda a confiança; e a vontade sem o poder, quando muito, é bom desejo estéril e uma benevolência sem fruto. Pois bem: não é duvidável que a Virgem tenha este poder. «Sabemos (diz Santo Anselmo) que é tanto seu mérito, tanto seu valimento junto a Deus, que não é possível careça de efeito aquilo que pede e quer» (Lib. *de Concept.*): *Scimus beatam Virginem tanti esse meriti, et gratiæ apud Deum, ut nihil eorum quæ velit efficere, possit aliquatenus effectu carere.* Daqui conclui que não é possível que se perca nem se condene uma alma a quem esta Senhora tomou debaixo de sua proteção. «Nenhuma coisa resiste a teu poder, ó Virgem santa (diz Jorge, arcebispo de Nicomédia, Orat. *de exit. Virg.*), nenhuma se opõe a tua vontade; todas obedecem a teus preceitos; todas se rendem a tua autoridade.» «Como não há de ser todo-poderosa (diz São Bernardo), tendo posto o Senhor em suas mãos a plenitude de todos os bens?»: *Totius boni plenitudinem posuit in Maria*; e quer

(acrescenta o mesmo santo) que todo o bem que nos faz passe primeiro pelo canal de Maria (Serm. *de Nativit.*): *Nihil nos Deus habere voluit, quod per Mariæ manus non transiret.* «Pois que confiança não devem ter em Maria (continua este padre) todos aqueles que a servem e estão debaixo de sua proteção, visto que conhece todas as suas necessidades, pode e quer socorrê-las? Conhece-as, porque é mãe da Sabedoria; quer, porque é mãe de misericórdia; pode, porque é mãe do Todo-poderoso.» A qualidade de mãe, diz Santo Tomás, dá certa autoridade natural sobre o filho, que nenhum privilégio pode derrogar. Ainda que os filhos sejam reis, ainda que sejam soberanos, ainda que sejam supremos senhores, ainda que uma mãe tenha a seu filho quantas obrigações são imagináveis, sempre será mãe, e nem a condição nem o estado diminuirão um só ponto sua autoridade. Pois que poder será o da Virgem! Ó Deus, que motivo de consolação para os verdadeiros servos de Maria este grande valimento que tem a soberana Rainha junto a seu Filho!

Segundo ponto

Considera que somente os que não conhecem quem é a Santíssima Virgem podem ignorar o terno e compassivo amor que professa aos homens. É a mãe dos escolhidos e o refúgio dos pecadores; é a consolação dos aflitos e a saúde dos enfermos; é, como canta a Igreja, o comum asilo e o auxílio ordinário de todos os cristãos: *Salus infirmorum, refugium peccatorum, consolatrix afflictorum, auxilium christianorum.* É inseparável, diz Santo Anselmo, a maternidade divina da maternidade humana: pelo mesmo fato de ser Maria Mãe de Deus, ficou constituída mãe dos homens. Pois agora: não é a natureza mais ardente em seus movimentos, como observa Santo Ambrósio, do que o é a graça nos seus; antes, pelo contrário, o fogo da caridade é muito mais vivo, muito mais puro, muito mais forte que o da natureza. E, sendo o da Santíssima Virgem de uma consumada perfeição, infere daqui o terno amor que nos tem. Que maior prova nos pôde dar que ter oferecido ela mesma seu querido Filho à morte de cruz pela salvação de todos os homens? Se quis Deus que precedesse seu consentimento para a encarnação do Verbo, dizem os padres, parece que não menos havia de preceder para sua afrontosa morte. Sabemos todos qual foi a ternura sem semelhante da Santíssima Virgem para com aquele amado Filho; com tudo isso, ela mesma o ofereceu no templo como vítima por nossa redenção. Por aqui podes conhecer quanto nos amou. Nunca, nunca compreenderemos até onde chega o excesso do amor que nos tem esta Senhora. Bom Deus, que motivo para nossa confiança! «Ó Maria! (exclama São Boaventura), por miserável que seja um pecador, sempre o olhas com ternura de mãe; sempre o abraças como tal»: *Materno affectu complecteris*; «o acaricias»: *Foves*; «e não o abandonas até tê-lo reconciliado com o formidável Juiz»: *Nec deseris quousque tremendo Judici miserum reconcilies.* «Bem sei, Virgem santa (diz São Pedro Damião), que toda estás cheia de amor e que nos amas a todos com uma imutável, com uma invencível ternura»: *Et amas nos amore invincibili*; «pois em ti e por ti teu Filho e teu Deus nos amou com extremo amor»: *Quos in te et per te Filius tuus et Deus tuus summa dilectione dilexit.* Mas, se a Santíssima Virgem ama tão ternamente os pecadores, com que ternura não amará os justos? Que ardor, sobretudo, não será o seu por seus fiéis e devotos servos? *Ego diligentes me diligo.* «Na Virgem Maria (diz o devoto Idiota) acha-se todo gênero de bens; ama os que a amam e, o mais admirável, serve mais a seus servos do que estes a servem»: *Imo sibi servientibus servit.* Meu Deus, grande consolação é para todos os homens o saber que somos tão ternamente amados da Santíssima Virgem. Quem deixará de ter confiança numa Mãe tão poderosa? E quem poderá deixar de amá-la? «Não, por certo (exclama São Bernardo); ainda que

todo o inferno junto se desate contra mim; ainda que me espante a multidão e a gravidade de meus pecados; ainda que minha própria fraqueza me atemorize, sei que a Santíssima Virgem me ama; pois não haverá já coisa capaz de alterar minha confiança. Basta-me que me ame esta Senhora para que eu tudo espere de sua poderosa intercessão.»

O mesmo digo eu, amantíssima Mãe minha, e o mesmo vos repetirei toda a minha vida. Uma só dor me aflige, e é o não ter-vos amado até aqui; mas, com o auxílio da divina graça, que vós me conseguireis, espero reparar minha passada ingratidão pela ternura com que vos amarei o resto de meus dias. Depois de Deus, tenho, Senhora, posta em vós toda a minha confiança.

Jaculatórias

> *Si oblitus fuero tui, oblivioni detur dextera mea.* Sl 136.

Esqueça-me eu, Senhora, de mim mesmo, se algum dia me esquecer de ti.

> *Miserere mei, quoniam in te confidit anima mea.* Sl 56.

Tende, ó Virgem santa, misericórdia de mim, pois em vós tenho posta toda a minha confiança.

Propósitos

1. Na segunda homilia que compôs São Bernardo sobre aquelas palavras do Evangelho: *Missus est*, etc., ensina-nos um admirável exercício de devoção. «Ó tu, qualquer que sejas (diz o santo), que te achas engolfado neste borrascoso mar do mundo, agitado da tempestade e rodeado de escolhos e de baixios, se queres evitar o naufrágio, tem sempre fixos os olhos nesta estrela da manhã. Se sopram furiosos os ventos das tentações, se vais despedaçar-te contra os escolhos da tribulação, não percas de vista a estrela, invoca a Maria»: *Respice stellam, voca Mariam.* Se te sentes molestado do espírito da ambição, do orgulho, da inveja, da murmuração, olha a estrela, invoca a Maria: *Respice stellam, voca Mariam.* Se a cólera, se a avareza, se o demônio da impureza te fatigam, recorre a Maria: *Respice ad Mariam.* Se te espanta a memória dos pecados passados; se os remorsos de uma consciência manchada te atribulam; se o temor dos terríveis juízos de Deus te quer induzir ao desespero, pensa em Maria: *Cogita Mariam.* Em toda sorte de perigos, em todo gênero de enfadonhos acidentes, em toda espécie de dúvidas, seja teu recurso Maria: *In periculis, in angustiis, in rebus dubiis, Mariam cogita, Mariam invoca.* Tem continuamente na boca o nome de Maria e tem-no também profundamente gravado no íntimo do coração: *Non recedat ab ore, non recedat a corde.* Mas, sobretudo, procura imitar suas virtudes, se queres que sejam ouvidas tuas

orações. Com semelhante guia nunca te desencaminharás; e à sombra de sua proteção podes viver tranquilo e em repouso: *Ipsam sequens, non devias; ipsa tenente, non corruis; ipsa propitia, pervenis.* Segura está tua salvação se te é propícia a Santíssima Virgem. Isto era o que sentia aquele grande santo; pratica tu o mesmo.

2. Todos os dias de tua vida hás de rezar a oração seguinte, que compôs Santo Agostinho e adotou a Igreja, repetindo-a muitas vezes no ofício divino: *Sancta Maria, succurre miseris, juva pusillanimes, refove flebiles, ora pro populo, interveni pro clero, intercede pro devoto femineo sexu. Sentiant omnes tuum juvamen, quicumque celebrant tuam sanctam commemorationem.* «Santa Maria, socorre os miseráveis, ajuda os pusilânimes, fortalece os fracos, roga pelo povo, pede pelo clero, intercede pelo devoto sexo das mulheres; experimentem tua assistência e tua poderosa proteção todos aqueles que estão dedicados a teu serviço e celebram teu santo nome.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:36 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:37 by Admin